

# A CONSPIRAÇÃO ISRAELO-ÁRABE | POR RÜDIGER RAULS

*Posted on 30. September 2020*

**Os Emirados Árabes Unidos e o Bahrein normalizaram as suas relações com Israel. O que leva estes estados a fazer causa comum com o inimigo outrora comum dos árabes?**

*Um ponto de vista de Rüdiger Rauls.*

### **Planos arrojados**

À primeira vista, não parece ser muito significativo que um voo oficial tenha descolado de Tel Aviv para os Emirados Árabes Unidos (EAU) pela primeira vez a 31 de Agosto de 2020. Mas tendo em conta as relações políticas altamente sensíveis entre o mundo árabe e o arqui-inimigo de longa data Israel, tais relatos inconspícuos apontam frequentemente para novos desenvolvimentos.

A sensação, contudo, muito maior foi que os sauditas abriram o seu próprio espaço aéreo a um avião oficial israelita para este sobrevoos. Consciente da sensibilidade do mundo árabe no caso de concessões a Israel e aos EUA, Riade apressou-se a salientar imediatamente que "nada mudou na atitude saudita em relação à Palestina"(1)

O Presidente Netanyahu, por outro lado, falou de todo o coração de uma "nova era nas relações entre Israel e o mundo árabe e (...) haverá outros Estados árabes e islâmicos que se juntarão ao círculo de paz connosco"(2). Se haverá novos desenvolvimentos entre partes do mundo árabe e Israel, o futuro mostrar-se-á.

Como se pode ver pelas palavras de Jared Kushner, conselheiro e genro de Donald Trump, coisas maiores parecem estar na forja. "Esperamos que este seja o início de uma viagem ainda mais histórica para o Médio Oriente e para além dele"(3). Alguns dias mais tarde, o Bahrain normalizou também as suas relações diplomáticas com Israel. Os comentários eufóricos de Trump no Twitter mostram que este chamado Acordo de Abraham tem a assinatura de Washington.

### **Aterragem dura**

Trump já tinha tentado forjar uma aliança entre a Arábia Saudita e Israel em 2017(4). Trump é um homem

de negócios, não um político. Ele não pensa politicamente, mas sim economicamente. A sua principal preocupação é reduzir os elevados custos de guerras dispendiosas para os EUA.

Por um lado, a aliança que se procurava na altura destinava-se a sobrecarregar os "amigos" árabes e aliados com os encargos financeiros das guerras americanas no Médio Oriente. Deviam pagar a conta da arrogância americana que tinha sido posta em prática na crença de que, após o colapso da União Soviética, poderiam reorganizar o Médio Oriente de acordo com os ideais e interesses ocidentais. Por outro lado, os EUA, enquanto terceiro risonho, forneceriam as armas e fariam um grande lucro, de acordo com o modelo de negócio de Trump.

As tarefas políticas deveriam ser assumidas por Estados fiáveis como a Arábia Saudita, Bahrain e os EAU, talvez a Jordânia e, se possível, o Egito como fornecedor de tropas com a ajuda de Israel. Este último partilhou com o Ocidente o interesse em fazer recuar a influência do Irão. Além disso, os parceiros árabes estavam também interessados em controlar a ameaça que a crescente influência dos Irmãos Muçulmanos ou grupos jihadistas constituía para as suas próprias sociedades.

Esta primeira tentativa de uma aliança árabe-israelita tinha falhado. A Arábia Saudita, que se tinha visto como o núcleo destes novos planos americanos e se tinha sentido segura no apoio dos Estados Unidos, apressou-se, talvez precipitadamente, na sua implementação. Com o estabelecimento de uma "Coligação Árabe", à qual o Qatar também tinha sido forçado a aderir, as fileiras árabes contra o Irão deveriam ser cerradas.

Mas o tiro saiu pela culatra. A Arábia Saudita, que já tinha sido completamente dominada pela guerra no lémen, não estava à altura do papel que os EUA lhe tinham atribuído. Depois disso, o Médio Oriente foi mais rico por um campo de destroços políticos devido aos planos de construção americanos(5). O Irão emergiu mais forte do conflito. As tensões na região tinham aumentado porque a Turquia também tinha interferido e tomado o partido do Qatar contra os EUA.

### **Ideais enganosos**

Também nessa altura, na aliança, Israel deveria desempenhar um papel de fundo. Mas o que leva os Emirados do Golfo, juntamente com a Arábia Saudita, aos braços de Israel e dos EUA? Também não é popular no mundo islâmico, e quem se envolver com eles deve contar com a discórdia no seu próprio país, e possivelmente também com a rejeição por parte de outros Estados do mundo árabe. O cume em que estas réguas se equilibram é estreito, e no entanto atrevem-se a andar sobre esta corda balança.

O Presidente egípcio Sadat já tinha tido de experimentar isto quando, em 1979, concluiu uma paz separada com Israel, deixando assim para trás a frente de rejeição dos Estados árabes. O Egipto foi excluído da Liga Árabe durante dez anos. O próprio Sadat foi assassinado. Entretanto, a frente de rejeição contra Israel desmoronou-se. "O conflito do Médio Oriente já não tem (...) a posição central que em tempos teve para o povo árabe e muçulmano" (6).

A ideia de uma nação árabe comum, que por vezes levou mesmo a uma fusão do Egipto e da Líbia num Estado comum, escondeu as contradições internas da realidade árabe. A ideia de uma nação árabe comum, baseada numa história, cultura, língua e valores árabes comuns, é tão idealista como a crença em valores ocidentais como a base das sociedades ocidentais.

Os ideais devem ser acessíveis. São o luxo de sociedades e grupos sociais saturados. Na maioria dos casos, não criam uma nova realidade, mas apenas confundem a visão da actual. O idealismo cria problemas em vez de os resolver.

### **Os ideais não nos enchem**

A luta comum dos Estados árabes contra o inimigo comum Israel só temporariamente poderia mascarar as contradições internas das sociedades árabes. Países como o Egipto, que não são abençoados com grande riqueza petrolífera mas com uma grande população que quer ser alimentada, enfrentaram problemas diferentes dos Estados ricos em petróleo como a Arábia Saudita, a Líbia ou os muitos pequenos emirados do Golfo com as suas populações relativamente pequenas.

Estes últimos foram capazes de deixar o seu próprio povo partilhar da riqueza e oferecer-lhes uma vida

bastante despreocupada através de extensos benefícios sociais. Esta circunstância fez com que a maioria dos cidadãos destes Estados ignorassem a falta de liberdades civis. Quando a base da vida está assegurada, os problemas sociais são também menos graves. Em contraste, países como o Egito, Líbano, Lémen e Jordânia tiveram de criar meios de subsistência para as suas populações em rápido crescimento, sem poços de petróleo.

O facto de as liberdades civis estarem mal representadas em todos os estados ricos em petróleo da Península Arábica deveu-se ao facto de quase não haver burguesia neles, como era conhecido pelo desenvolvimento da Europa. Estes estados não eram burgueses, mas estados feudais. Tinham sido catapultados pela produção de petróleo e pela sua riqueza num espaço de tempo muito curto para um novo nível económico, que o desenvolvimento interno da sociedade tinha ficado para trás.

A agricultura como base do feudalismo tinha perdido a sua importância para a vida nestas sociedades e tinha sido substituída pela indústria petrolífera como a principal fonte de rendimento. No entanto, a constituição estatal destas sociedades permaneceu feudalista. A nobreza como a classe dominante não tinha sido substituída. Continuaram a governar e a estabelecer a agenda política da sociedade.

A constituição dos EAU não permite aos cidadãos terem uma palavra a dizer nos assuntos do país, como é o caso nas sociedades ocidentais modernas. "A Constituição de 1971 proíbe (...) qualquer forma de organização e agrupamento político; não prevê partidos ou sindicatos"(7). No entanto, isto não incomoda as forças do valor ocidental, que cortejam os EAU mas fingem defender os direitos humanos e civis em Hong Kong e na Bielorrússia.

Estas velhas condições nos estados feudais árabes foram abaladas pela revolução islâmica no Irão em 1979. Com o derrube do Xá, os governantes das monarquias do Golfo viram um futuro que também poderia estar reservado para eles. Se o dinheiro do negócio petrolífero se esgotasse, era de esperar que mesmo na sua área de governo os cidadãos já não ficassem satisfeitos com o seu papel tão bem proporcionado aos menores.

## **Modernidade sem alternativas**

Até ao início da Primavera árabe, as monarquias feudalistas do petróleo quase não tinham feito qualquer aparição política. Tentaram deixar influências estrangeiras fora das suas próprias fronteiras nacionais, se necessário com violência e repressão política. Até hoje, a Arábia Saudita ainda está largamente fechada ao turismo ocidental.

Havia boas razões para isto. Embora o petróleo tivesse trazido riqueza às monarquias do Médio Oriente, o desenvolvimento económico a ele associado tinha também demonstrado que a nobreza se tinha tornado socialmente supérflua. Onde o petróleo determina o que os trabalhadores retiram do solo, já não há necessidade de proprietários de terras que vivem de agricultores dependentes a quem arrendam pastagens, terras aráveis e direitos de água. Estes são amendoins económicos em comparação com a importância da indústria petrolífera.

Após a Segunda Guerra Mundial, os monarcas do Egipto, Líbia e outros estados árabes, que tinham sido perseguidos por movimentos populares ou golpes militares, já tinham experimentado esta perda de importância da sua posição social. Os protestos em massa de 1979 no Irão tinham mostrado à liderança árabe feudalista como a sua posição social se tinha tornado fraca nas sociedades modernas. O Xá não tinha conseguido ser detido pelos militares ou pelos EUA.

As restantes monarquias instalaram-se, mantiveram-se calmas e tentaram não ser um tropeço no mundo árabe. A riqueza da produção petrolífera, mas também o seu aparelho repressivo protegeu-os internamente, o poder militar dos EUA externamente. No entanto, tornou-se cada vez mais claro que, a longo prazo, era necessário encontrar formas de adaptar as sociedades às condições alteradas sem pôr em perigo a sua própria reivindicação de poder.

Se quiséssemos libertar-nos da dependência do petróleo, teriam de ser criadas outras fundações económicas a fim de garantir a subsistência da sociedade. A agricultura feudalista já não conseguia cumprir esta tarefa. Mas isto só foi possível através da construção de formas económicas modernas, tais como uma indústria própria. É por isso que os estados feudais petrolíferos do Golfo são também os que fizeram os esforços de modernização mais extensivos na região.

A indústria, no entanto, precisa de pessoas instruídas, actuando independentemente, que possam e sejam autorizadas a tomar decisões sob a sua própria responsabilidade. Os subordinados em autoridade não são adequados para tais tarefas. Como resultado, a necessidade económica atingiu os limites das condições políticas e sociais e levou os monarcas do Golfo a um dilema cada vez maior: desenvolver uma economia moderna mantendo ao mesmo tempo as estruturas sociais tradicionais.

### **A Primavera está a chegar**

Mas eles tiveram sorte. A Primavera estava a chegar, a Primavera árabe. Mas não foram as sociedades feudais do Golfo que foram ameaçadas, mas principalmente as dos estados laicos mais modernos do mundo árabe: Tunísia, Egipto, Líbia e Síria. O meio burguês, intelectual das cidades e a sua juventude orientada para o Ocidente, que apesar de uma boa educação procurava em vão trabalho, levantou-se contra a falta de perspectivas e restrições políticas.

Mesmo que esta juventude moderna se tenha rebelado nas cidades, a força que acabou por conduzir à queda de Mubarak no Egipto veio do campo. A "Marcha dos Milhões" levou centenas de milhares de pessoas empobrecidas das zonas rurais ao Cairo em 1.2.2011. Os militares, que eram em grande parte constituídos por pessoas comuns do campo, mostraram-se solidários com eles. Eles não dispararam contra a sua própria espécie.

Quando o Ocidente sinalizou então que era necessária uma mudança de poder para assegurar o poder, a pessoa Mubarak demitiu-se a fim de preservar o sistema Mubarak. O vencedor desta disputa foi uma força que até então era largamente desconhecida no Ocidente: os Irmãos Muçulmanos.

Grandes sectores da população empobrecida, em particular, tinham-se organizado nela a fim de cumprir as tarefas sociais que o Estado era incapaz de realizar. O quão grande foi a sua influência sob a superfície da percepção pública foi demonstrada mais tarde nas eleições no Egipto, que levaram o candidato dos Irmãos Muçulmanos, Mursi, ao poder.

Embora as eleições tivessem sido realizadas de acordo com os padrões ocidentais, o Ocidente dos valores

não teve problemas com Mursi ter sido derrubado por um golpe militar e o General al Sisi ter sido nomeado o novo governante do Egito, à exceção de alguns protestos tépidos. O Ocidente limitou-se a exortar ao respeito dos direitos humanos, mas isto pouco impressionou al Sisi e quase não teve consequências. Afinal de contas, não foi a China, a Rússia ou a Bielorrússia.

### **Monarcas assustados**

"Com os seus petrodólares e os seus meios de comunicação, eles (VEA) foram a força decisiva por detrás do derrube de Mursi e da nomeação do Presidente Abd al Fattah al Sisi. Desde então, também estiveram envolvidos na Líbia, Somália e Iémen"(8).

Da perspectiva dos monarcas da Península Arábica, os Irmãos Muçulmanos e movimentos semelhantes são o maior perigo que enfrentam. Assim, "nenhum outro país da Península Arábica persegue os Irmãos Muçulmanos de forma tão impiedosa como os Emirados Árabes Unidos"(9). Aqui uma força social mostra-se que pouco pode fazer para contrariar. Ao contrário do meio pró-ocidental das cidades, os Irmãos Muçulmanos estavam mais estreitamente ligados à população comum, porque professavam as suas raízes islâmicas comuns.

Mesmo que ambos, os irmãos muçulmanos e os governantes das monarquias árabes, também se vejam a si próprios como muçulmanos, a interpretação da religião comum é, no entanto, diferente. Enquanto alguns deles baseiam o seu governo no Islão, outros exigem um estado de Deus no qual, sob um Deus comum, condições mais justas para todos os crentes devem prevalecer. Nisto assemelham-se aos seguidores de Lutero e mais tarde aos camponeses do século XVI no Império Alemão, cuja revolta também deveria conduzir a um estado mais justo de Deus e à abolição da arbitrariedade monárquica.

Mesmo que a influência dos Irmãos Muçulmanos pareça ter sido contida por enquanto, são essas forças e movimentos populares em que os monarcas da Península Arábica vêem o seu governo ameaçado. "Uma visão semelhante da ameaça ao Irão e uma aversão comum aos Irmãos Islamistas Muçulmanos e aos seus apoiantes políticos tem prevalecido entre Israel, Bahrain e os Emirados há décadas"(10).



O sentimento nacional termina quando o domínio é seriamente ameaçado por partes do próprio povo. Esta ameaça de governar pelo seu próprio povo levou o Emir do Bahrein a chamar as tropas sauditas para o país durante a Primavera Árabe em 2011 para manter o seu domínio.

Não foram os islamistas que foram abatidos no Bahrein, mas sim os cidadãos que defenderam os valores ocidentais. Os EUA, como autoproclamado defensor dos direitos humanos, que mantém uma base no Bahrein, ficaram de pé e vigiados. Serviu os seus interesses em condições estáveis na região. Mesmo um ditador amigo deles é autorizado a fazer guerra contra o seu próprio povo e até a chamar tropas estrangeiras se o seu próprio já não o conseguir gerir.

### **Contra-ataques indefesos**

A fim de evitar que coisas semelhantes aconteçam no futuro, as forças monárquicas da região em particular tomaram agora a iniciativa política e militarmente. Os Estados laicos como o Egipto, Síria, Iraque, Tunísia, Líbano e Argélia já não conseguem estabilizar a situação no Médio Oriente devido aos conflitos internos dos últimos anos.

Os EUA, na arrogância da sua orientação para o valor ocidental e na sua incapacidade de avaliar a situação de forma realista, destruíram por si próprios precisamente Estados como o Iraque, a Síria e a Líbia e transformaram-nos em factores adicionais de incerteza. Levaram a Turquia para o campo dos adversários do valor ocidental. Apenas Israel continua a ser um poder de lei e ordem fiável, que, no entanto, permanece em grande parte fora do tumulto interior árabe.

Agora as monarquias árabes devem assumir estas funções de segurança, tanto no seu próprio interesse como no interesse do Ocidente. A Arábia Saudita quer fazer frente ao Irão, pelo que o aumento do poder no Irão pode ser explicado mais pelos erros da política americana no Médio Oriente do que pelos esforços iranianos na hegemonia. Os EAU modernizaram o seu próprio exército e modernizaram-no com a ajuda do soldado de elite australiano Michael Hindmarsh (11).

Apoiam principalmente os Estados e forças que combatem movimentos como os Irmãos Muçulmanos ou

outras forças religiosamente definidas. Para tal, estiveram ao lado do General Haftar e do al Sisi do Egito para fazer recuar os islamistas na Líbia. Os EAU, juntamente com a Arábia Saudita, lutaram contra os rebeldes Houthi no Iémen, com apoio temporário de outros Emirados do Golfo.

Mas foi precisamente aí que em breve tiveram de reconhecer os limites das suas próprias capacidades em matéria de guerra. Tendo em conta a falta de sucesso nas operações de contra-insurreição, os EAU retiraram-se da luta conjunta com a Arábia Saudita em 2019. Mas nem mesmo os sauditas conseguem derrotar o adversário comparativamente fraco no Iémen. Além disso, a queda dos preços do petróleo está a aumentar as dificuldades em casa.

Então, o que resta para as antigas monarquias? Desistir e esperar ser varrido pela história como todos os outros irmãos de sangue azul na Europa e em todo o mundo que o desenvolvimento social tinha tornado supérfluo? Ou fazer as pazes com o velho inimigo Israel, para que este possa ajudá-los a sair do aperto contra o seu próprio povo e das tempestades que se aproximam que já se aproximam, especialmente no Sahel(12)?

A segunda via foi obviamente escolhida. Para este fim, foi encontrado em Israel um aliado adequado com interesses semelhantes, um exército forte e uma sociedade estável, na qual não são de momento de esperar distorções semelhantes às dos Estados árabes. Têm ao seu lado as democracias do valor do Ocidente. Prefere os monarcas tradicionais atrasados a movimentos incalculáveis nos povos e sociedades.

#### **Fontes e notas:**

- (1) Frankfurter Allgemeine Zeitung vom 3.9.2020: Riad erlaubt Überflüge
- (2) FAZ vom 15.8.2020: Die historische Dimension einer pragmatischen Kooperation
- (3) FAZ vom 1.9.2020: Drei Stunden für eine historische Reise
- (4) Siehe dazu: Rüdiger Rauls [trump-setzt-neue-massstaebe](#)
- (5) Siehe dazu: Rüdiger Rauls [Paukenschlag im Nahen Osten Katar - die Büchse der Pandora Planlos in](#)

### Katar Katar - die nächste Niederlage der USA Katar - Saudis unter Druck

(6) FAZ vom 28.8.2020: Frieden mit dem alten Erzfeind?

(7) FAZ vom 15.12.2012: Sorgen am Golf

(8) FAZ vom 26.8.2020: Die Macht am Golf

(9) FAZ vom 17.2.2020: Erdöl und Gestaltungswille

(10) FAZ vom 14.9.2020: An der Hand Washingtons

(11) FAZ vom 26.8.2020: Die Macht am Golf

(12) Siehe dazu: Rüdiger Rauls Menetekel Mali

### **Rüdiger Rauls Buchveröffentlichungen:**

Krieg um Syrien Buchbeschreibung

Wie funktioniert Geld? Buchbeschreibung

Kolonie Konzern Krieg - Stationen kapitalistischer Entwicklung Buchbeschreibung

Zukunft Sozialismus oder die Grenzen des Kapitalismus Buchbeschreibung

Die Entwicklung der frühen Gesellschaften-Die Geschichte Afghanistans Buchbeschreibung

Was braucht mein Kind? Buchbeschreibung

Späte Wahrheit (Prosa) Buchbeschreibung

Herausgeber von:

Imre Szabo: Die Hintermänner ( ein politischer Krimi) Buchbeschreibung

Imre Szabo: Die Unsichtbaren ( ein politischer Krimi) Buchbeschreibung

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: Aritra Deb / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK